



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**AMANDA DE ABREU FERNANDES**

**THUANNE ALEXANDRA VARGAS FARIAS DA SILVA**

**A RELAÇÃO ENTRE PRESENÇA E AUSÊNCIA PATERNA NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E  
EMOCIONAL DA CRIANÇA PELA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

**FLORIANÓPOLIS**

**2023**

**AMANDA DE ABREU FERNANDES  
THUANNE ALEXANDRA VARGAS FARIAS DA SILVA**

**A RELAÇÃO ENTRE PRESENÇA E AUSÊNCIA PATERNA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA  
PELA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Psicologia da  
Universidade do Sul de Santa Catarina  
como requisito parcial à obtenção do título  
de bacharel em psicologia.

Professor Dr. Maurício Maliska.

FLORIANÓPOLIS

2023

AMANDA DE ABREU FERNANDES  
THUANNE ALEXANDRA VARGAS FARIAS DA SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE PRESENÇA E AUSÊNCIA PATERNA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PELA  
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de bacharel em psicologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

FLORIANÓPOLIS, 04 DE DEZEMBRO DE 2023

---

Professor e Orientador Maurício Maliska, Dr.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

**A RELAÇÃO ENTRE PRESENÇA E AUSÊNCIA PATERNA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PELA  
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

O presente trabalho tem como objetivo abordar aspectos relacionados ao desenvolvimento infantil nos casos em que há a ausência afetiva paterna independente das estruturas familiares e nele serão apresentados fatores sobre a função paterna, os benefícios do envolvimento paterno no desenvolvimento da criança, contrapondo como sua ausência afeta diretamente o desenvolvimento emocional e cognitivo infantil. Esse trabalho será apresentado como uma revisão integrativa com o objetivo de explorar o que os estudos acadêmicos têm discutido acerca da influência paterna no desenvolvimento infantil pela perspectiva psicanalítica. Os resultados encontrados, sugerem que a falta da presença paterna na infância reflete em dificuldades no desenvolvimento social, emocional e nas habilidades de aprendizagem, bem como a busca por uma figura substitutiva masculina.

Palavras-chave: Ausência paterna. Parentalidade. Psicologia infantil. Desenvolvimento infantil. Teoria Psicanalítica.

**ABSTRACT**

*The present work aims to address aspects related to child development in cases where there is a paternal affective absence, irrespective of family structures. The paper will elucidate factors concerning the paternal role and the benefits of paternal involvement in child development, juxtaposing how its absence directly impacts emotional and cognitive child development. This work will be presented as an integrative review with the goal of exploring academic studies' discussions on paternal influence in child development from a psychoanalytic perspective. The findings suggest that the lack of paternal presence in childhood is associated with difficulties in social and emotional development, as well as learning skills, and underscores the tendency to seek a male substitute figure.*

*Keywords: Paternal absence. Parenthood. Child psychology. Child development. Psychoanalytic theory..*



## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	5
1.1	OBJETIVO GERAL	6
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	6
2.	METODOLOGIA	7
3.	CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	7
3.1	COMPLEXO DE ÉDIPO	9
3.2	TEORIA DO APEGO	9
4.	O PAI E A FUNÇÃO PATERNA	10
4.1	ESTUDOS SOBRE ENVOLVIMENTO PATERNO	11
5.	A AUSÊNCIA AFETIVA PATERNA NA INFÂNCIA	12
5.1	O IMPACTO DA AUSÊNCIA AFETIVA PATERNA	13
5.2	FIGURA SUBSTITUTA	14
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
7.	REFERÊNCIAS	17

## 1. INTRODUÇÃO

A concepção de família está passando por diversas transformações ao longo dos últimos anos. Na sociologia, entende-se família como o agrupamento de indivíduos unidos por laços parentescos ou afeitos; para Maria Helena Diniz (2007) família se define como “grupo fechado de pessoas, composto dos pais e filhos, e, para efeitos limitados, de outros parentes, unidos pela convivência e afeto numa mesma economia e sob a mesma direção”. Vale ressaltar que os conceitos sobre família são mutáveis, entretanto, atualmente atribuem alguns subtipos de família, os quais podemos ressaltar a família matrimonial, composta devido ao casamento; a família informal, composta devido a uma união estável; a família homoafetiva, composta por pessoas do mesmo sexo; a família monoparental, composta por apenas um genitor; família aparental ou eudemonista, onde não são necessariamente parentes mas vivem juntos afetivamente com identidade de família; família reconstituída ou mosaico, quando o conjugue já possui um filho de relacionamento anterior.

Percebem-se diferentes representações dentro das configurações familiares, divididas entre: tradicionais, modernas e emergentes. A primeira é concernente aos núcleos onde o pai dedica sua atenção ao mundo do trabalho, com pouca contribuição nas atividades de cuidado às crianças. Os pais modernos veem sua participação ativa como relevante para o desenvolvimento infantil. O pai emergente participa igualmente com sua esposa nas atividades referentes aos cuidados da criança (DESSEN; LEWIS, 1998). Cada membro da família normalmente apresenta diferentes contribuições ao meio familiar, pois se envolvem em atividades diferentes com os filhos. Zanetti e Höfig (2016) citam um artigo de Maurice Berger, francês, psiquiatra e psicanalista que diz que o funcionamento psíquico das crianças e adolescentes é alterado devido às influências da estrutura familiar.

Identifica-se atualmente, a crescente significativa do número de crianças que são registradas apenas pelas mães e até os primeiros sete meses de 2022 o percentual era de 6,6%, correspondente a mais de cem mil crianças (IBDFAM, 2022). Paralelo a isso, está o significativo aumento de divórcios judiciais ou extrajudiciais, em 16,8% em relação a 2020, segundo a Assessoria de Comunicação Anoreg/BR (ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO ANOREG/BR, 2023).

Warpechowski & Mosmann (2012) fizeram uma pesquisa sobre a experiência da paternidade frente à separação conjugal e identificaram um padrão de pai no papel de visitante na vida do filho e ressaltam a importância do processo de readaptação desta família para a continuidade da interação paternal. Segundo as mesmas, os pais percebem a falta de participação na vida da criança, mas se sentem excluídos da vida de seus filhos.

Percebe-se então a relevância de estudar as consequências do abandono afetivo paterno, tendo esse trabalho o objetivo de apresentar os aspectos relacionados ao desenvolvimento infantil pela perspectiva psicanalítica, a discussão sobre a função paterna e como sua ausência afeta diretamente o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Foram identificadas pesquisas sobre o tema, nos casos em que não há a presença paterna e suas influências no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, independentemente de sua organização familiar, considerando apenas a ausência afetiva como ponto de referência. Para Benczik (2011), os pais têm hoje uma importância significativa sobre o processo de desenvolvimento infantil, independente da organização familiar, considerando suas fases.

Em virtude destas pesquisas, percebemos que o estudo do desenvolvimento infantil é importante para entender como as crianças crescem e como são afetadas por suas experiências e pelo ambiente. Os psicólogos infantis usam várias teorias e métodos para entender esses processos de desenvolvimento, neste texto usaremos a teoria psicanalítica, a teoria do apego de Bowlby e estudos mais atuais sobre envolvimento paterno.

### 1.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as possíveis relações entre a presença e a ausência paterna para o desenvolvimento infantil seguindo a teoria psicanalítica.

### 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar as fases do desenvolvimento infantil a partir da psicanálise; ponderar sobre a função paterna relacionando aspectos da presença paterna ao

desenvolvimento infantil; identificar as possíveis consequências do abandono paterno e refletir sobre os impactos da ausência afetiva paterna.

## 2. METODOLOGIA

O tipo de pesquisa utilizada no presente artigo foi descritivo para o levantamento das informações direcionadas ao conteúdo e o método aplicado o qualitativo, descrito por Oliveira et al. (2020) como a pesquisa que busca dar respostas mais específicas, de forma analítica e descritiva, e feito por pesquisa bibliográfica a partir da revisão integrativa.

A revisão integrativa se refere às revisões de trabalhos publicados para a compreensão do fenômeno que se propõe a ser estudado. Sua metodologia advém do levantamento da coleta de dados a partir de outras fontes, reunindo conhecimento sobre o assunto para fundamentar o estudo (SOUZA et al, 2010). Através deste método, pretende-se pesquisar e relacionar as contribuições da presença paterna na educação dos filhos, assim como as consequências da ausência do pai na educação e criação dos filhos no desenvolvimento infantil.

O objetivo desta revisão integrativa é explorar o que os estudos acadêmicos têm discutido acerca da influência paterna no desenvolvimento infantil, utilizando como critérios de amostragem, publicações em português, no período de 1998 a 2023. Utilizando as bases Scielo, BVS saúde e livros referências na área, para a análise do abandono paterno no desenvolvimento infantil. Os descritores elencados para realizar as buscas nas bases de dados foram: abandono paterno, parentalidade, psicologia infantil, ausência paterna e envolvimento paterno, teoria psicanalítica, psicanálise. A posterior análise dos achados buscou tecer hipóteses sobre os possíveis impactos da ausência paterna no desenvolvimento infantil.

## 3. CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Os pressupostos da psicanálise (1893-1895) sugerem que o primeiro objeto na vida do bebê capaz de satisfazê-lo é o seio materno. Mais tarde, a própria mãe como pessoa torna-se um objeto de satisfação. E, à medida que a criança cresce, outras pessoas tornam-se objetos de satisfação. Segundo essa teoria, o

comportamento é governado por processos tanto conscientes como inconscientes; a personalidade tem uma estrutura que se desenvolve com o tempo dando importância aos anos iniciais (FREITAS; TEIXEIRA; BARROS; BUSINARI; ALMEIDA; ASSIS; 2012) . Winnicott (1896-1971) contribui para o entendimento acerca do desenvolvimento infantil com uma teoria do desenvolvimento emocional que enfatiza a importância do ambiente na formação da personalidade. Ele argumentou que o ambiente cuidador deve prover um ambiente suficientemente bom que permita ao bebê se desenvolver em um indivíduo autônomo e saudável. Freud, em seu livro “Três ensaios sobre sexualidade”, propõe um modelo de desenvolvimento psicosssexual infantil, com as fases oral, anal, fálica, onde ocorre o complexo de Édipo, período de latência e a fase genital.

Silva (2022) retrata a primeira fase do desenvolvimento, a fase oral, como o primeiro contato da criança com o mundo, indo do zero aos dois anos de idade, onde o bebê obtém satisfação em colocar as coisas na boca, na amamentação, no cheiro e no afeto. Para o autor, a segunda fase vai aproximadamente dos dois aos quatro anos, e a estimulação começa no controle do esfíncter anal e controle da bexiga, segundo o mesmo, é onde iniciam os primeiros conflitos da vida social da criança com a moral. Silva (2022) compreende a fase fálica por volta dos quatro aos seis anos, onde a criança se conscientiza sobre a existência de seu órgão genital, nesse momento que se inicia o complexo de Édipo, onde o menino vê o pai como rival e a mãe como objeto de desejo, mas ainda deseja o carinho, amor e atenção do pai; a menina o contrário. O autor descreve a fase de latência dos sete aos doze anos, ou no início da puberdade, onde inicia o processo da moralidade na vida social da criança, e a fase genital, para ele, acontece no início da vida sexual adulta, com a chegada dos hormônios que impulsionam a maturação sexual, é o momento em que o adolescente começa a agir por si mesmo. Silva (2022), diz que a sexualidade na infância não se manifesta e não é tratada como nos adultos, mas que estas fases contribuem para o desenvolvimento neurótico saudável da mente.

Benczik (2011) discute sobre a teoria psicanalítica e pressupõe o papel estruturante do pai, seguindo o complexo de Édipo, que está atrelado às relações familiares. A autora cita Aberastury, que diz que o pai possibilita o equilíbrio da capacidade da criança de interagir com o mundo real. Ele ainda relaciona a necessidade da influência paterna para propiciar o desenvolvimento infantil dos seis aos doze meses devido ao triângulo edípico e na adolescência, quando há a

necessidade de definir seu papel na procriação devido à maturação genital para maior autonomia.

### 3.1 COMPLEXO DE ÉDIPO

A teoria sobre o complexo de Édipo surgiu a partir de Sigmund Freud, psicanalista, e foi aperfeiçoada ao longo dos anos, como um estágio do desenvolvimento psicosssexual, chamado fase fálica, que acontece entre três e seis anos de idade da criança. Durante esta fase, a criança desenvolve um desejo sexual pelo genitor do sexo oposto e desejos hostis pelo genitor do mesmo sexo, esses desejos são normalmente suprimidos pelo superego que internaliza as regras sociais e morais. A criança também desenvolve uma identificação com o genitor do mesmo sexo, imitando seu comportamento para se apropriar da sua identidade. O complexo de Édipo é um marco essencial no desenvolvimento da personalidade, quando resolvido com sucesso, a criança eventualmente desiste dos desejos incestuosos e ajusta-se aos papéis sociais impostos a ela, porém se não resolvido de forma adequada, surgem-se problemas futuros como dificuldades nos relacionamentos e na própria formação da identidade (Alencar e Moraes, 2017).

Alencar e Moraes (2017) retomaram Aberastury e Salas de 1985, que trazem uma perspectiva diferente sobre o complexo de Édipo; para os autores, o pai tem importância também para um bom desenvolvimento da identidade genital da criança e um pai ausente, ou emocionalmente indisponível acarreta um déficit nesta identidade.

### 3.2 TEORIA DO APEGO

A teoria do apego, desenvolvida por John Bowlby e posteriormente expandida por Mary Ainsworth, é uma teoria psicológica também com base psicanalítica que corrobora para a compreensão do desenvolvimento infantil por enfoque na conexão emocional que se desenvolve entre um bebê e seu cuidador, argumentando que os seres humanos têm uma necessidade inata de se conectar com os outros e que essa conexão é necessária para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social (RAMIRES; SCHNEIDER, 2010).

Essa é uma das teorias mais influentes na psicologia do desenvolvimento e examina como essa conexão afeta o desenvolvimento social, emocional e cognitivo de uma pessoa ao longo da vida. Ainsworth, em 1978, identificou diferentes tipos de apego que se formam entre o bebê e o cuidador, incluindo o apego seguro, o apego ansioso-evitante e o apego ansioso-ambivalente (SILVA, 2013).

O apego seguro é caracterizado por um comportamento de exploração, confiança e conforto em situações novas ou estressantes quando o cuidador está presente. O apego ansioso-evitante é caracterizado por um comportamento de distanciamento e evitação em relação ao cuidador, e o apego ansioso-ambivalente é caracterizado por um comportamento de busca de atenção e resposta hesitante do cuidador (SILVA, 2013).

#### 4. O PAI E A FUNÇÃO PATERNA

Freud utilizou o mito de Édipo para teorizar sua função de trazer a criança a realidade e conter os impulsos incestuosos em relação à mãe (Alencar e Moraes, 2017). A figura paterna sempre teve destaque na teoria freudiana e sua função se faz de extrema importância para a construção do psiquismo do sujeito, considerando os conceitos do complexo de Édipo, a ameaça da castração e a proibição do incesto. Para Freud a função do pai ajuda a realizar uma castração bem-sucedida, e constrói a consciência e moralidade da criança. Millás (2009) sugere que o pai barre a relação mãe versus filho para que este, volte seu olhar para o mundo. O reconhecimento da figura paterna deve estar presente desde o início da vida da criança, para sustentar e intervir na relação mãe-bebê, oferecendo as direções entre demanda e desejo, neste momento agindo como agente da castração primária (MARTINS; SAMPAIO; LIMA; DIAS; 2010).

Winnicott (2005) sugere que a função paterna deve ser proteger a mãe e propiciar um ambiente em que a mãe consiga executar seu papel e conter as angústias do bebê. Emídio e Hashimoto (2023), citam Freud (1917 e 1923) e Lacan (1958) sobre a função do pai na estrutura psíquica pela intervenção no complexo de Édipo e pelos amores edípicos onde o sujeito negocia sua relação com o falo, com seu desejo e sua falta.

Lacan (1958), ao abordar o Complexo de Édipo, formula a ideia de que este ocorre em três tempos, indicando a gradual incidência da função paterna na constituição subjetiva, em que

no primeiro tempo esta aparece pelo superego materno, no segundo pela inscrição do significante do Nome-do-Pai e, no terceiro, na constituição da metáfora (Emídio e Hashimoto, 2013).

Os autores citam ainda Door (1991), que discorre que o pai tem função na estruturação psíquica e no desenvolvimento da criança. Além deste, discorrem sobre Enriquez (1999) que escreve sobre o pai e sua função na construção dos vínculos sociais, a identificação com o pai e a opressão do filho, pois, segundo os autores, a civilização nasce pela repressão coletiva, regras de aliança e filiação, impedindo a satisfação não reflexiva da pulsão sexual.

Na atualidade, o pai tem o papel de:

O lugar de uma instância simbólica responsável pela transmissão da cultura, da lei, da autoridade, e que tem como função mediar o desejo da criança e o da mãe, no qual ocupa o lugar de interditor, privador e frustrador, na vivência edípica, compondo uma das primeiras identificações do sujeito, com base na função fálica e da atribuição de que só ele o supostamente possui, tendo como herdeiros o superego e o ego ideal; o da instância psíquica que, ao ser edificada, permite o acesso do sujeito ao simbólico e à vivência da alteridade, de sorte que este possa emergir como sujeito desejante e possa assim construir as diferentes defesas para sua negociação diante da falta, do desamparo (Emídio e Hashimoto, 2023).

Para Alencar e Moraes (2017), a função do pai contemporâneo traz muitas reflexões, considerando as novas configurações de família, as transformações históricas dessa figura e o contexto familiar.

#### 4.1 ESTUDOS SOBRE ENVOLVIMENTO PATERNO

Neste sentido, seguiremos com a pergunta “qual a função paterna?” percebendo a questão na atualidade e como o pai interfere no desenvolvimento saudável da criança. Estudos sobre envolvimento paterno apontam que a participação ativa do pai na vida da criança é essencial para o seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Estes, mostram que os pais que estão envolvidos no cuidado diário da criança têm um impacto positivo no seu desenvolvimento, aumentando a sua autoestima, confiança e habilidades sociais (BACKES, 2018 et al). Além disso, o envolvimento paterno tem sido associado a uma série de benefícios para a saúde mental das crianças.

Para Zornig (2010), o estabelecimento dos laços entre pai e filho contribui para o desenvolvimento afetivo e cognitivo do bebê. Benczik (2011) discute

sobre a importância da interação entre pai e filho no desenvolvimento cognitivo e social da criança, pois facilita a aprendizagem e a integração na sociedade. As crianças que têm um pai presente em suas vidas apresentam menor risco de desenvolver problemas emocionais e comportamentais, como ansiedade, depressão e problemas de conduta; outro benefício do envolvimento paterno é a promoção de habilidades cognitivas e de aprendizado. Então, os pais que participam ativamente na educação dos filhos promovem um impacto positivo no desempenho acadêmico e na motivação para aprender (CIA; WILLIAMS; AIELLO, 2005).

Damiani (2014) retoma as pesquisas de Lebovici (1987) alegando que os filhos que contam com apoio, conforto e proteção desenvolvem estruturas psíquicas mais fortes para enfrentar as dificuldades da vida, mas que a privação paterna, seja física ou afetiva, é um fator de risco para o desenvolvimento da criança. Damiani (2014) ainda retorna a pesquisa de Corneau de 1991, quando afirma que os filhos com pai presente se sentem mais seguros diante de seus estudos acadêmicos, na escolha da profissão e nas tomadas de decisões pessoais, além de facilitar a entrada da criança na sociedade, sentindo-se mais capaz de se defender e explorar o ambiente. Para Araújo (2005), na adolescência o pai precisa agir como facilitador das separações e tem um papel importante na identificação pessoal.

No entanto, apesar dos muitos benefícios do envolvimento paterno, ainda há uma desigualdade de gênero em relação ao cuidado das crianças. As mães ainda são responsáveis pela maior parte do cuidado diário das crianças, enquanto os pais são frequentemente vistos como ajudantes ocasionais. Para mudar essa realidade, é importante que os pais sejam incentivados a se envolver mais ativamente no cuidado das crianças. Isso pode incluir a participação em atividades cotidianas, como banhos e refeições, bem como o envolvimento em atividades escolares e de lazer (CIA; WILLIAMS; AIELLO, 2005).

## 5. A AUSÊNCIA AFETIVA PATERNA NA INFÂNCIA

Freud pensava a civilização como um modo de proteção para o desamparo infantil e da angústia decorrente dele. Para Damiani (2014) a ausência do pai pode se relacionar com diversos fatores, seja falecimento, ausência física, ser emocionalmente indisponível, atividades laborais ou outros, e isso pode ser percebido pela criança de diversas formas. SAPIENZA e PEDROMÔNICO (2005),

destacam como fator de proteção a capacidade de adaptação individual do sujeito. Para SGANZERLA e LEVANDOWSKI (2010) o modo que a criança percebe esse abandono irá implicar em diferentes repercussões em seu desenvolvimento, mas que de modo geral, são repercussões negativas, considerando a importância da presença do pai.

Benczik (2011) retoma as contribuições de Aberastury de 1991, que discorre sobre o papel do pai nesse momento dos seis aos doze meses, mesmo não sendo destacado como o da mãe, se torna referência para o bebê na organização psíquica pelo desenvolvimento do ego. Para a teoria psicanalítica, é no período inicial da infância que o ego é imaturo e frágil e o que acontece nesse momento pode atuar como trauma. Aberastury (1991) ainda afirma que no segundo ano de vida da criança, a figura paterna tem a função de apoiar o desenvolvimento social do filho e neste período, auxilia no desprendimento necessário da criança pela mãe. Benczik (2011) também cita Muza, de 1998, que corrobora com a afirmação que a criança necessita do pai para desprender-se da mãe e acrescenta que a criança sente que não é mais a única compartilhando a atenção da mãe. Segundo Benczik (2011), às crianças com pai presente tem um nível maior de autoestima e a presença da figura paterna afasta uma série de transtornos psicológicos.

Segundo SGANZERLA e LEVANDOWSKI, (2010), a ausência paterna, seja física ou afetiva, manifesta maior fator de risco para comportamentos delinquentes, abuso de álcool e drogas, amadurecimento físico precoce e alto índice de obesidade. Para Benczik (2011) os prejuízos causados pela ausência total ou parcial da figura paterna se relacionam com o desenvolvimento da criança, bem como atribui-se também as fantasias acerca dessa ausência, como não serem amados e desejados, comprometendo sua autoestima e autoconfiança. SGANZERLA e LEVANDOWSKI, (2010), ressaltam o fato de existirem diferenças no impacto da ausência paterna no comportamento, cognição e afetividade da criança ou do adolescente, conforme seus recursos emocionais, a rede de apoio e a readaptação da família.

### 5.1 O IMPACTO DA AUSÊNCIA AFETIVA PATERNA

Para CIA; WILLIAMS; AIELLO (2005) a ausência do pai pode afetar a autoestima e a autoconfiança da criança, bem como seu senso de segurança e

estabilidade emocional. As crianças que crescem sem a presença do pai podem ter dificuldades em estabelecer relacionamentos saudáveis no futuro e podem experimentar problemas emocionais e comportamentais, como ansiedade, depressão, desconfiança e dificuldades de aprendizado. Para Pereira & Arpini (2012), o afastamento do pai é acompanhado de um sofrimento emocional, sentimento de rejeição e incompreensão frente aos motivos do distanciamento. Além disso, pode ser especialmente difícil para as crianças se o pai ainda estiver presente em suas vidas, mas não estiver emocionalmente envolvido ou disponível. Isso pode levar a sentimento de rejeição e abandono, o que pode afetar negativamente o desenvolvimento emocional da criança e sua autoestima (CIA; WILLIAMS; AIELLO, 2005).

Para Araújo (2005), a falta de vínculo paterno acarreta aparecimento de problemas de personalidade e dificuldade de interações sociais. Para CIA; WILLIAMS; AIELLO (2005), sobre a influência da ausência paterna ou da figura de referência paterna, é possível observar que essa ausência tem relação com sintomas depressivos e problemas comportamentais. Verificam também que além da presença dos pais, as formas como eles se comportam com seus filhos tem influência nos comportamentos das crianças.

## 5.2 FIGURA SUBSTITUTA

Qual a diferença entre pai e a figura paterna? Embora pareça haver pouca diferença, o termo pai é usualmente colocado para quem representa a figura paterna, mas não necessariamente seja o pai quem executa essa função. Para Alencar e Moraes (2017), o pai é a figura física enquanto a figura paterna está atrelada à função a qual executa. Segundo os autores supracitados, Freud, no complexo de Édipo, retrata a figura paterna como de quem traz a criança à realidade e contém os impulsos incestuosos para com a mãe. Já Winnicott (2005) atribui a função paterna a quem proporciona um ambiente seguro para a mãe e para o bebê. Alencar e Moraes (2017) citam ainda em sua pesquisa, Gomes & Resende de 2004, onde acrescentam que a figura paterna é quem mostraria ao bebê o mundo externo e que a mãe não é sua extensão.

Damiani e Colossi (2015) em sua pesquisa, retratam que as crianças e adolescentes que crescem sem o pai, buscam em outras figuras, substituir as

necessidades de afeto em pais de amigos, tios, irmãos e avós. O padrasto, quando faz parte da reorganização familiar, enfrenta dificuldades na criação do vínculo com a criança e na delimitação dos seus espaços (Saraiva, 2013). Para a autora, os homens por vezes optam por manter uma distância, incertos sobre sua função naquele papel; no entanto, podem formar vínculos de afeto participando do cotidiano, formação e cuidados do enteado. Suas pesquisas indicam que pode levar de dois a cinco anos para que haja o sentimento de pertencimento e de reestruturação familiar.

Quando essa figura não é encontrada, a mãe acaba por substituir esse papel, gerando uma sobrecarga materna, superproteção e relação de dependência. Para as autoras, o afastamento do pai provoca a mudança da relação mãe e filho, tornando-a mais próxima e intensa, o que não é necessariamente positivo para ambas as partes Damiani e Colossi (2015). Para Saraiva (2013) essa proximidade pode ser disfuncional do funcionamento das relações familiares. Em contrapartida, a autora Damiani (2014) retoma EIZIRIK e BERGMANN de 2004, citando os recursos emocionais da mãe e seu relacionamento com o filho como fator de proteção aos conflitos associados à falta do pai.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, pudemos observar como, na atualidade, o olhar sobre a figura paterna está contribuindo para o desenvolvimento infantil. Este presente estudo propôs evidenciar como parte do cuidado familiar para a construção do sujeito, como um ser biopsicossocial, primeiramente no ambiente familiar nuclear e seus impactos na formação do indivíduo. Neste trabalho, não foram considerados aspectos de violência intrafamiliar, de ambiente hostil e abusivo.

Grande parte das pesquisas abordadas corroboram que, é na infância, nas primeiras relações com os genitores, que o sujeito desenvolve seus padrões de apego que vão interferir nos relacionamentos, patologias, comportamentos, mas, que estes, podem mudar devido às experiências pessoais. SILVA, 2013, em sua pesquisa, diz que não há estudos suficientes voltados para o efeito dos estilos de apego entre pais e filhos. Em nossas referências, não encontramos artigos que relacionassem diretamente a ausência paterna com a teoria do apego.

Ponderamos que nas novas configurações de família, com ou sem a presença do pai, o grande número de divórcios e guardas unilaterais, onde percebe-se cada vez mais a ausência do pai, podem afetar diretamente o desenvolvimento cognitivo, social, emocional da criança e até sucede fatores de risco para o desenvolvimento de problemas comportamentais e psicopatologias como depressão, ansiedade entre outros. Em contrapartida, a presença da figura paterna contribui para a autoestima, autoconfiança e habilidades sociais da criança, habilidades cognitivas e de aprendizado, além de torná-las mais fortes emocionalmente para lidar com as adversidades da vida. Quando a criança não encontra essa figura tão importante, ela busca substituí-la através dos homens mais próximos, como pai e amigos, avós, tios e outros; ainda assim, quando não encontra essa figura de referência, a própria mãe passa a ser essa representação, gerando assim uma sobrecarga e uma relação de interdependência.

Considerando os estudos mais atuais sobre envolvimento paterno e sua importância para o desenvolvimento infantil a partir da teoria freudiana, destacamos a presença paterna na vida da criança de forma tão fundamental quanto a presença da mãe, pensando em um bom desenvolvimento socioemocional, para a construção da imagem afetiva e de convivência positiva, bem como apresentar que a presença paterna na família é diferente e complementa a presença materna. Entendemos o sujeito como mutável, não definitivo, histórico e cultural, além de sua subjetividade, suas experiências e como isto afeta sua percepção de vida, personalidade, interações sociais, seu desenvolvimento cognitivo e emocional, afetando diretamente em como o indivíduo se comporta, os fatores de risco e proteção, o ambiente em que vive e suas relações.

Cabe a nós, profissionais de saúde mental e profissionais da educação, a conscientização para com a família sobre a importância de fornecer ferramentas para a criança lidar com essa falta, para criar fatores de proteção para seu desenvolvimento em um ambiente saudável e estimulante para as crianças, criando plano de ações adaptados a cada família com o consentimento e participação, quando possível, de todos os membros, visando o melhor desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo e social de cada criança.



## 7. REFERÊNCIAS

Alencar, M. L. de. & Moraes, R. C. P. de. Impacto da figura materna no desenvolvimento humano. *Psicologia - Saberes & Práticas*, n.1, v.1, 54-61, 2017. [\[LINK\]](#) acessos em outubro, 2023

ARAÚJO, S. M. B. A ausência da função paterna no contexto da violência juvenil. *Simpósio Internacional do Adolescente*, 2. São Paulo, 2005. [\[LINK\]](#) Acessos em outubro e novembro, 2023.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO ANOREG/BR (Brasil) (comp.). Anoreg/BR conversa com especialistas sobre as Estatísticas de Registro Civil do IBGE. 2023. [\[LINK\]](#). Acesso em: 11 novembro, 2023.

BACKES, M.S.; BECKER, A.P.S. ; CREPALDI, M.A. & VIEIRA, M.L. A paternidade e fatores associados ao envolvimento paterno. *Nova perspect. sist.*, São Paulo , v. 27, n. 61, p. 66-81, ago. 2018 . [\[LINK\]](#) Acessos em 20 de maio, 2023.

BENCZIK, E.B.P. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Rev. psicopedag.* [online]. 2011, vol.28, n.85, pp. 67-75. [\[LINK\]](#) Acessos em outubro e novembro, 2023.

CIA, F.; WILLIAMS, L.C.A; AIELLO, A.L.R. Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura. *Psicol. esc. educ.*, Campinas , v. 9, n. 2, p. 225-233, dez. 2005 . [\[LINK\]](#) Acessado em 19 de maio, 2023.

DAMIANI, C.C. A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos. Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do Grau de Especialista em Terapia de Casal e Família. São Leopoldo, 2014. [\[LINK\]](#) Acessos em outubro e novembro 2023.

DAMIANI,C.C.; COLOSSI P.M. A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos. *Pensando fam.* vol.19 no.2 Porto Alegre dez. 2015 [\[LINK\]](#) Acessos em outubro e novembro 2023.

DESSEN, .M.A.; LEWIS, C. Como estudar a “família” e o “pai”. Paidéia (Ribeirão Preto), [S.L.], v. 8, n. 14-15, p. 105-121, ago. 1998. FapUNIFESP (SciELO). [\[LINK\]](#)  
Acesso em abril e maio, 2023.

DINIZ, Maria Helena. Curso de direito civil brasileiro. Direito de família. 22 ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2007.

EMIDIO, T. & HASHIMOTO, F. "Reflexões sobre a função paterna e suas configurações no mundo contemporâneo" *CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia* (2012): n. pág. Web. [\[LINK\]](#) Acesso em 11 de novembro, 2023

FREITAS, P.S.A.; TEIXEIRA, C.; BUSINARI, E.; ALMEIDA, S. & ASSIS, C. L. de. Estudo sobre desenvolvimento psicosssexual infantil na perspectiva da Psicanálise em crianças de CacoalRo. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 23(2). 2012 [\[LINK\]](#) Acessado em outubro, 2023.

IBDFAM, Assessoria de Comunicação do Brasil tem mais de 100 mil crianças registradas sem o nome do pai nos primeiros sete meses de 2022. 2022. [\[LINK\]](#). Acesso em: 19 maio 2023.

MARTINS, K.P.H.; SAMPAIO, I.L.; LIMA, M.C.P; DIAS, T.M.M. Reflexões sobre a função paterna no trabalho psicanalítico com crianças. *Cad. Psicanál.-CPRJ*, Rio de Janeiro, ano 32, n. 23, p. 133-143, 2010 133. [\[LINK\]](#) Acesso em setembro, 2023.

MILLÁS, J. J. O mundo. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009.

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O.; CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S. Grupo Focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? In: *Cadernos da Fucamp, UNIFUCAMP*, v.19, n.41, p.1-13, Monte Carmelo, MG, 2020.

PEREIRA, C. R. R. & ARPINI, D. M. (2012). O lugar do pai nas novas configurações familiares. *Pediatria Moderna*, 48(12), 522-527.

RAMIRES, V.R.R. ; SCHNEIDER, M.S.. Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 25-33, mar. 2010. FapUNIFESP (SciELO). [\[LINK\]](#)

SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M.R.M. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*,10 (2), p. 209-216, 2005.

SARAIVA, C. A.(2013). Ser padrasto em famílias recompostas: Os desafios da pluriparentalidade. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, M. A. O efeito combinado dos estilos de apego dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos. Recife, 2013. [\[LINK\]](#)

SILVA, M. R. Desenvolvimento humano na teoria psicossexual da infância em Sigmund Freud. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE (2022). [\[LINK\]](#) Acesso em outubro, 2023.

SGANZERLA, I.M.; LEVANDOWSKI, D.C. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. *Psicologia em Revista*, 16 (2), 2010.

SOUZA, M.T., SILVA, M.D., CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*. 2010; 8(1 Pt 1):102-6.

WARPECHOWSKI, A. & MOSMANN, C. (2012). A experiência da paternidade frente à separação conjugal: Sentimentos e percepções. *Temas em Psicologia*, 20(1), 247-260.

WINNICOTT, D. W. (2005). A família e o desenvolvimento individual. (3a ed.) São Paulo: Martins Fontes.

ZANETTI, S.A.S.; HÖFIG, J.A.G. Repensando o Complexo de Édipo e a Formação do Superego na Contemporaneidade. *Psicol., Ciênc. Prof. (Impr.)* 36 (3) • Jul-Sep 2016

ZORNIG, S.M.A. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro , v. 42, n. 2, p. 453-470, jun. 2010 . [\[LINK\]](#) Acessos em 28 out. 2023.